

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE LETRAS

LIS COUTINHO TEIXEIRA

*NOSSOS CORPOS, POR NÓS MESMAS:*  
**LINGUAGEM INCLUSIVA E O PROCESSO DE TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DO**  
*LIVRO OUR BODIES, OURSELVES*

Rio de Janeiro

2021

LIS COUTINHO TEIXEIRA

***NOSSOS CORPOS, POR NÓS MESMAS:***  
**LINGUAGEM INCLUSIVA E O PROCESSO DE TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DO**  
**LIVRO *OUR BODIES, OURSELVES***

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras na habilitação Português/Inglês.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Janine Pimentel.

Rio de Janeiro

2021

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, meu Criador e Redentor, por Sua bondade e por me conceder todo auxílio necessário para chegar até aqui.

Agradeço aquela que me incentivou a estudar e a alcançar meus sonhos através dos estudos: minha avó Antônia (*in memoriam*).

Agradeço a minha mãe por estar sempre ao meu lado, por encontrar, em seu colo, abrigo e ânimo para enfrentar os desafios. Agradeço a meu pai por me ensinar a ser quem sou. Em seus olhos eu me vejo. Agradeço a minha irmã por me impulsionar a seguir adiante e ser o meu sorriso.

Agradeço ao meu noivo por toda paciência e amor. Em seu abraço consigo ouvir a canção mais bela.

Agradeço às pessoas amigas, pessoas que tive a oportunidade de conhecer na Letras, por me ensinar a aprender.

Agradeço a minha “chefa”, Ir. Terezinha, por me fazer descobrir a tradutora que há em mim.

Agradeço aos meus professores e professoras, em especial, minha orientadora Dra. Janine Pimentel, por toda atenção e compreensão. Muito Obrigada!

Agradeço por todo o caminho que percorri até o momento. Meu coração transborda de gratidão e alegria!

## RESUMO

*Nossos Corpos, Por Nós Mesmas* é o título da versão brasileira do livro *Our Bodies, Ourselves* (OBOS), um livro que surgiu como resultado do trabalho de um coletivo feminista, no início da década de 1970, chamado *The Boston Women's Health Book Collective* com o intuito de fornecer informações para mulheres sobre sua saúde e seu corpo. Esta monografia busca refletir sobre as decisões tomadas ao longo do processo de tradução e adaptação dessa obra, com foco especial na linguagem feminista e inclusiva que o projeto, formado por docentes e discentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), tem vindo a criar com a ajuda de um coletivo feminista de São Paulo. Tal reflexão propiciada pelo projeto e norteadada pelas teorias feministas deseja contestar uma sociedade estruturalmente machista, dar voz ao feminino e auxiliar mulheres na luta política para exercer seus direitos sobre seus corpos e suas vidas.

**Palavras-chave:** Tradução; Adaptação; Linguagem feminista.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	05
2. HISTÓRIA DE <i>OUR BODIES, OURSELVES</i> .....	07
3. PROJETO DE TRADUÇÃO DE <i>OUR BODIES, OURSELVES</i> NO BRASIL.....	12
4. LINGUAGEM INCLUSIVA E FEMINISTA NO OBOS.....	14
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	22

## 1. INTRODUÇÃO

O livro *Our Bodies, Ourselves* (doravante OBOS) surge no início da década de 1970, nos Estados Unidos, a partir da necessidade de refletir e discutir questões que envolvem a saúde e o corpo da mulher. Em uma época em que havia pouca informação acessível, a obra convidava a uma reflexão sobre políticas, sistemas de saúde, relacionamentos e questões sociais e acabou por tornar-se um manual para mulheres aprenderem e terem autonomia sobre elas próprias. Nos Estados Unidos, o OBOS colaborou com pesquisas e equipes médicas, promoveu o diálogo entre mulheres e especialistas para falar sobre seu corpo, sua saúde, e inspirou e capacitou mulheres a engajarem-se na luta política por seu direito.

Graças à tradução e adaptação para vários idiomas ao longo dos anos, o livro produziu e, ainda hoje, produz muitos efeitos na vida de milhares de mulheres ao redor do mundo. Nesses diversos projetos, com relatos em Whelan e Chatterjee (2015), é perceptível a força que a tradução possui para iniciar um caminho de transformação social.

No Brasil, duas equipes de docentes e discentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) trabalham, desde o segundo semestre de 2019, na tradução dessa obra para o português bem como na adaptação do conteúdo do livro, contando para isso com a ajuda de um coletivo feminista de São Paulo. A tradução brasileira, intitulada “Nossos Corpos, Por Nós Mesmas”, busca oferecer informações baseadas na nossa realidade para que nós mulheres, especialmente nós que somos socialmente marginalizadas, possamos nos identificar com e a luta política pela nossa saúde, nossos direitos e nosso bem-estar.

Tenho a sorte de participar desse projeto desde o seu início, no primeiro semestre de 2019, quando foram autorizadas as traduções de 11 capítulos e estabelecidas, entre as duas instituições, diretrizes a serem seguidas pelas equipes<sup>1</sup>. Alguns capítulos selecionados foram: *Abortion; Body image; Safer Sex; Sexually transmitted infections* e *Violence against women*. Com base nessa experiência que já dura quase dois anos, pretendo refletir sobre as decisões tomadas ao longo do processo de tradução e adaptação, com foco especial na linguagem inclusiva que o projeto tem vindo a criar.

---

<sup>1</sup> O livro tem 27 capítulos, divididos em 7 seções: *Bodies and identities; Relationships and Sexuality; Sexual Health and Reproductive Choices; Childbearing; Postreproductive Years; Medical Problems and Navigating the Health Care System; Major Forces Affecting Women’s Sexuality and Reproductive Health*. No Brasil, a publicação será feita em três volumes.

Para fazer essa reflexão é primordial conhecer: i) a história do livro e do coletivo que o criou; ii) a fundação do projeto de tradução da versão brasileira; e iii) as teorias feministas aplicadas aos estudos de tradução bem como contribuições recentes sobre a questão da linguagem inclusiva. Sendo essa a forma como a monografia está organizada, espera-se, portanto, que esta reflexão propiciada pelo projeto e o projeto em si contribuam para mudanças culturais e sociais a favor da mulher.

## 2. HISTÓRIA DE *OUR BODIES, OURSELVES*

O livro *Our Bodies, Ourselves* nasceu do trabalho do *The Boston Women's Health Book Collective* (BWHBC), um grupo de mulheres que se formou no início da década de setenta, em meio à crise política, econômica e à grande influência do movimento feminista nos Estados Unidos, com intuito de discutir questões que envolvem a saúde e o corpo da mulher. Em 1969, o grupo organizou um workshop sobre *Women and Their Bodies*, em Boston, que reuniu diversas mulheres para falar de assuntos considerados tabus, como sexualidade, contraceptivos e aborto – ilegal na época. Depois desse evento, um número maior de mulheres interessadas em aprender, debater e descobrir mais sobre si mesmas começou a se reunir regularmente, formando, assim, o *The Boston Women's Health Book Collective*.

Após discussões, trocas de experiências, coletas de informações, até então inacessíveis para época, surge a primeira versão do livro. Esta versão, publicada originalmente em um jornal, em 1970, para ser vendida a setenta e cinco centavos, recebeu o título *Women and Their Bodies: A Course by and for Women*, e tornou-se um manual para mulheres aprenderem e terem autonomia sobre seus corpos. Em 1971, o livro foi novamente publicado, mas dessa vez com o nome *Our Bodies, Ourselves*. Venderam duzentas e cinquenta mil cópias, antes da primeira edição comercial ser publicada em 1973.

Considerado como uma “bíblia da saúde da mulher” (DAVIS, 2007) devido sua importância, e um *bestseller* nacional, após ser publicada a edição revisada e adaptada, em 1976, o OBOS tornou-se um livro que desafia os dogmas patriarcais médicos sobre os corpos das mulheres e, conseqüentemente, torna-se um instrumento de empoderamento pessoal e coletivo. Através da leitura, o livro convida a uma reflexão sobre políticas, sistemas de saúde, relacionamentos e questões que são socialmente cruciais para as mulheres.

Por conta da influência do OBOS, a pesquisadora Kathy Davis (2007) afirma que o livro, além de inspirar outras obras sobre saúde da mulher, incentivou muitas mulheres a ingressarem no curso de medicina, em profissões da área da saúde, como parteiras e enfermeiras, e a serem respeitadamente reconhecidas. De fato, o OBOS tornou-se um livro popular sobre a saúde da mulher, escrito para e por mulheres, que fez sucesso nos Estados Unidos, sendo grande sua contribuição social e política.

Atualmente, o livro já foi traduzido para mais de trinta línguas de vários países da América Latina, Europa, África, Ásia e Oriente Médio, alcançando milhões de pessoas em

todo o mundo. A edição mais recente dos Estados Unidos é a nona edição, de 2011. Na introdução dessa edição do livro, as autoras explicam que puderam expandir questões, como direitos reprodutivos e violência contra a mulher que não só estão relacionadas à saúde sexual e bem-estar da mulher, mas também são áreas em que “as mulheres ainda enfrentam enormes desafios e obstáculos que as impedem de levar uma vida segura e saudável” (BWHBC, 2011, p.15, tradução minha).

*Our Bodies, Ourselves* produziu e, ainda hoje, produz muitos efeitos na vida de milhares de mulheres ao redor do mundo. Prova disso é que logo após sua publicação no início da década de 1970, surgiu um movimento em prol da saúde da mulher norte-americana. Como já mencionado, o OBOS disponibilizou informações, até então pouco acessíveis; colaborou com pesquisas e equipes médicas; promoveu o diálogo entre mulheres e especialistas para falar sobre seu corpo, sexualidade e relacionamentos, e inspirou e capacitou mulheres a engajarem-se na luta política por sua saúde e seus direitos em suas comunidades e em seu país.

Desde a publicação de sua primeira versão, o livro sofreu algumas alterações. Essas alterações foram necessárias devido às mudanças ocorridas nos EUA ao longo dos anos. Na Coleção de Prefácios *Our Bodies, Ourselves Transformed Worldwide*, em que se encontra o prefácio da edição de 2005, a autora desse prefácio, Heather Stephenson, comenta sobre o que mudou desde a formação do BWHBC: a legalização do aborto, maiores opções de métodos contraceptivos, a prática de sexo mais seguro tornou-se um assunto de saúde pública, após o surto da AIDS. Além disso, menciona que a geração atual de profissionais e pesquisadores da área da saúde de ambos os sexos tendem a ser bem mais sensíveis e informados acerca dos assuntos de maior relevância para as mulheres que médicos de gerações anteriores. As informações sobre a saúde da mulher também são mais acessíveis no momento presente que nas décadas anteriores por conta da internet e difusão das redes sociais.

Davis (2007) escreve que o OBOS, em suas diferentes edições, manteve seu foco em sexualidade e saúde reprodutiva. Porém, novas questões foram incorporadas e outras, expandidas. Exemplo disso é a questão sobre o aborto, como citado acima. Na edição de 1973, antes da legalização do aborto, as autoras escrevem a respeito do assunto como um direito ainda a ser garantido para seus corpos. Já, na edição revisada e atualizada de 1976, as autoras voltam a escrever sobre o aborto criticando os discursos contrários que surgem a partir da sua legalização por meio da decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos em 1973. Acrescenta-se a isso o empenho das autoras em compreender as diferentes experiências individuais das mulheres com o aborto.

Stephenson (2015) constata como, apesar de tantas mudanças positivas, o livro ainda é fundamental para mulheres e mais avanços seguem sendo necessários. Ela explica que ainda hoje muitos médicos recorrem a procedimentos caros ao invés de “estratégias de prevenção ou gestão, como boa alimentação e exercício físico, um ambiente limpo e condições seguras de trabalho” (STEPHENSON, 2015, p.4, tradução minha). Muitas mulheres ainda não possuem recursos para participar efetivamente no cuidado da sua saúde nos EUA, mas o OBOS, ao menos, traz “informações, histórias e recursos para que possamos cuidar de nós mesmas - e umas das outras” (STEPHENSON, 2015, p.5, tradução minha).

Como já mencionei aqui anteriormente, o livro foi traduzido e adaptado para vários idiomas ao longo dos anos. Já em 1974, foram publicadas as edições italianas e japonesas. Em 1975, foi publicada a edição dinamarquesa e desde então se propagaram projetos de tradução e adaptação em mais cinco países até o início da década de 1980. Mais tarde, surgiram projetos para traduzir e publicar o livro em Israel, Rússia, África do Sul e China. Em 1976, nos EUA, foi publicada a versão não comercial em espanhol com o intuito de atender às necessidades das mulheres da comunidade de língua espanhola no país. No entanto, embora apresentassem alguns aspectos culturais, essa versão não conseguiu atingir seu objetivo. O livro precisava de uma adaptação mais próxima à realidade de mulheres latinas e caribenhas, as quais mantinham, mesmo residindo nos EUA, fortes conexões com seus países de origem. Por conta disso, após a publicação da segunda edição em espanhol em 1979, iniciou-se o projeto de tradução e adaptação introduzindo contextos que refletissem a realidade dessas mulheres que residem nos EUA e na América Latina e Caribe levando em conta as diferenças econômicas e políticas dos seus países.

Intitulada como *Nuestros Cuerpos, Nuestras Vidas*, a edição de 2000 oferece diversas perspectivas de diferentes lugares da América Latina. Por conter comentários, depoimentos, fotografias de mulheres latino-americanas, a edição buscou uma linguagem mais simples e direta para tornar a leitura mais fácil e aproximar-se das experiências dessas mulheres. O trabalho de adaptação em colaboração com os grupos latinos contribui com o movimento em prol da saúde da mulher nos EUA. Por meio da adaptação do livro, seus leitores podem encontrar experiências sociais diferentes das da sociedade norte-americana. Trata-se de experiências trazidas por mulheres que “colocam suas vidas em perigo para falar e enfrentar realidades políticas, sociais, culturais e religiosas que afetam negativamente suas vidas” (SHAPIRO, 2015, p.79).

Para a comunidade latina que reside nos EUA, “este livro oferece uma maneira de entender os movimentos de mulheres em apoio à saúde na América Latina e, com esse

conhecimento, nutri nossa própria compreensão e ativismo político” (SHAPIRO, 2015, p.78). A adaptação do livro em espanhol torna possível unir dois mundos diferentes: o norte-americano e latino, além de incentivar diálogos que podem causar transformações políticas.

Foram diversos projetos globais que tornaram possível a tradução do OBOS para diferentes línguas. Um dos projetos de tradução mais recentes é o “Corps Accord: Guide de sexualité Positive”. A versão canadense em francês de *Our Bodies, Ourselves* tem como foco a sexualidade e os relacionamentos. Ela discute mudanças com relação ao casamento no país, além de incluir dados culturalmente específicos de casamentos entre pessoas do mesmo sexo e interracialiais.

Em 2020, além do projeto no Brasil, existem projetos em andamento em outros países, como no Marrocos, onde uma organização feminista trabalha na adaptação dos capítulos “Sexual Anatomy” e “Body Image” para o francês e o árabe. Ademais, o grupo promove workshops para mulheres sobre anatomia genital, fisiologia, menopausa, entre outros assuntos. Nestes eventos, as mulheres podem expressar sobre o que aprendem nas oficinas e conseguem obter informações sobre seu corpo e sua saúde. Outro projeto ocorre na Universidade de Maryland, nos EUA, unindo o *Roshan Institute for Persian Studies* e o *Department of Women’s Studies* na criação de um projeto digital para mulheres e meninas que falam farsi no Irã. Segundo o site oficial do livro, em sua tradução e adaptação, são adicionados comentários e artigos escritos por profissionais da saúde. O primeiro tópico a ser concluído foi o capítulo intitulado “Body Image” que já está disponível no site. O grupo ainda quer abordar outros tópicos, como violência contra a mulher, saúde sexual e reprodutiva. No entanto, para dar continuidade ao projeto, o grupo precisa de arrecadação de fundos. O trabalho tem como objetivo introduzir e promover discussões com especialistas da área médica a respeito de questões urgentes relativas à saúde da mulher para que, assim, ocorram mudanças sociais no país.

Whelan e Chatterjee (2015) escrevem na Coleção de Prefácios *Our Bodies, Ourselves Transformed Worldwide* sobre a capacidade que *Our Bodies, Ourselves* tem de moldar-se às diversas e distintas realidades e de transformar e conectar-se com diversos públicos, levando em consideração a diferença individual. Este é também um dos objetivos da versão brasileira. Como bem explica Gentzler (2017), “[...] estudiosos descobrirão que a tradução não é apenas uma nota de rodapé na história, mas uma das forças mais vitais disponíveis para introduzir novas formas de pensar e induzir mudanças culturais significativas” (GENTZLER, 2017, p. 3, tradução minha). Nos prefácios da versão japonesa, por exemplo, as tradutoras explicam que substituíram os caracteres chineses que são usados para termos que têm conotação negativa

por caracteres com conotação menos negativa com o intuito de tratar assuntos “tabus” de forma mais natural e positiva. Esta mudança foi significativa para que as leitoras japonesas compreendessem que a linguagem é parte essencial da conscientização crítica e que não precisam se sentir envergonhadas ao falar sobre seus corpos.

Outro exemplo é a versão hebraica. Nessa versão, com consciência crítica e social, tradutoras tentaram alcançar um objetivo feminista ao levar em consideração seu contexto político, cultural e religioso milenar. Para adaptação do livro, considerou-se a realidade da sociedade israelense. No processo de escrita, buscou-se conduzir um trabalho coletivo e não hierárquico de modo que permitisse a cada mulher se expressar. Ao longo desse processo, elas tiveram que fazer escolhas, como usar “mulheres árabes” para se referir a mulheres muçulmanas, cristãs e drusas, e refletir a respeito do uso do termo em hebraico para “marido” que significa “dono”. Elas optaram por usar a primeira pessoa do plural no feminino<sup>2</sup> para enfatizar a voz feminina e pontuar que o OBOS é um livro escrito por mulheres que falam sobre si próprias. Essas decisões foram de suma importância para “não seguir ocultando e subordinando as mulheres.” (TOLEDO *et al*, 2014, p. 37), pois “a verdade é que são modelos que mantêm, sem qualquer justificativa, invisíveis às mulheres, pois oculta a realidade e reproduz a subordinação ante os homens.” (TOLEDO *et al*, 2014, p. 37),

---

<sup>2</sup> Em hebraico, geralmente usa o plural para verbos no masculino, mesmo quando se refere a grupos nos quais a maioria é mulheres.

### 3. PROJETO DE TRADUÇÃO DE *OUR BODIES, OURSELVES* NO BRASIL

O projeto, que teve início em agosto de 2019, visa publicar o livro *Our Bodies, Ourselves*<sup>3</sup> traduzido em português e adaptado à realidade brasileira. O trabalho é desenvolvido por docentes e discentes da área de tradução da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), além de equipes médicas da Unicamp e o Coletivo Feminista de São Paulo que auxiliam no processo de adaptação do conteúdo traduzido. A edição do livro usada como base para a tradução em português é a nona edição, revisada e atualizada em 2011. Através da autorização da organização do OBOS, iniciou-se a tradução e adaptação do livro sob a coordenação das professoras Érica Lima, da Unicamp, e Janine Pimentel, da UFRJ.

Ao iniciar a tradução do livro, percebeu-se que era preciso adaptar várias questões para a realidade do Brasil, pois esta é muito distinta da realidade dos Estados Unidos. As diferenças culturais, políticas, jurídicas e sociais precisam ser levadas em conta. O sistema de saúde brasileiro, por exemplo, é diferente do sistema norte-americano. No Brasil, o sistema de saúde é composto pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e pela rede privada que é representada pelos planos de saúde e por profissionais autônomos. Já, nos EUA, embora atualmente esteja passando por algumas mudanças, ainda não há saúde pública. Para ter acesso à assistência médica, é preciso ter um convênio particular. Considerando essa diferença, foi necessário adaptar o conteúdo do livro sobre acesso a tratamentos, pois, afinal, ao contrário do que acontece nos EUA, todo cidadão brasileiro tem direito à saúde pública. Somado a isso, surgiu a necessidade de adaptar estatísticas, recomendações de leituras, sites, grupos de apoio e disque-denúncia, pois o OBOS, além de tratar de assuntos sobre a saúde e o corpo da mulher, trata de assuntos como violência à mulher, questões de gênero e assuntos considerados ainda tabus no Brasil.

Além da adaptação do conteúdo, optou-se por realizar adaptações no âmbito linguístico. A busca por uma linguagem inclusiva, feminista e menos sexista marca uma das principais decisões tradutórias da versão brasileira. Desse modo, ao invés de palavras que marcam o masculino genérico, adotam-se palavras mais “neutras” ou mais inclusivas possíveis, como o uso da palavra “pessoa” acompanhada por um adjetivo, e priorizam o uso do feminino, quando é realmente necessário marcar o gênero. Por exemplo, algumas profissões específicas médicas são traduzidas somente no feminino, como “médica obstetra”.

---

<sup>3</sup> “Nossos corpos, por nós mesmas”, título escolhido para o livro em português.

Esta decisão quer visibilizar linguisticamente as mulheres, eliminar os estereótipos impostos culturalmente (TOLEDO *et al*, 2014) e reconhecer as diversas posições sociais que as mulheres podem ter.

A publicação da primeira versão brasileira será publicada em três volumes. O primeiro volume, com sete capítulos, está previsto ser lançado em 2021.

No site do Instituto de Estudos da Linguagem, foi publicada recentemente a tradução para o português da Coleção dos Prefácios, compilada em inglês por Ayesha Chatterjee (2015). Essa tradução resulta de um acordo estabelecido com as autoras fundadoras do Coletivo Feminista de Boston para traduzir essa coletânea de dezessete prefácios das diferentes versões do OBOS que foram publicadas em países tão diversos como: Índia, Senegal, Sérvia, Armênia, entre outros. Realizado de forma colaborativa, esse trabalho envolveu não só a tradução dos prefácios, mas também a produção de um prefácio em português pelas alunas tradutoras. Os quatorze prefácios presentes originalmente na obra foram traduzidos pela equipe da Unicamp e os três extensos prefácios mais atuais, publicados no site oficial de *Our Bodies, Ourselves*, foram traduzidos pela equipe da UFRJ. Nessa coletânea, com a organização das professoras Érica Lima (Unicamp) e Janine Pimentel (UFRJ), foram acrescentados, portanto, o prefácio da versão brasileira e os prefácios das versões hebraica, bengali e nepalês. Em todos esses paratextos, podem-se notar os desafios que suas autoras precisaram enfrentar para traduzir e adaptar informações para o contexto de seus países e a “resiliência e coragem de tradutoras que lutaram para mudar o *status quo*, considerado características culturais, políticas e religiosas dos diferentes contextos para os quais o livro foi traduzido” (LIMA; PIMENTEL, 2020, p.5).

Para compreender os desafios acerca do projeto do OBOS no Brasil, tornou-se fundamental debruçar-se sobre as teorias feministas que sempre nortearam o projeto e conhecer suas contribuições na prática de tradução e adaptação.

#### 4. LINGUAGEM INCLUSIVA E FEMINISTA NO OBOS

Como já anteriormente mencionado, o livro tem como intuito atender às necessidades das mulheres brasileiras. Para isso é necessário atentar-se para as diferenças culturais e linguísticas. Uma dessas diferenças relaciona-se com questões terminológicas sobre estudos de gênero. Com relação à atribuição e marcação de gênero, a questão no português é mais complexa que no inglês. O português marca gênero em quase todas as suas palavras, com exceções de alguns epicenos. Porém, o inglês marca gênero, de modo mais simples, em seus pronomes específicos em que podem aplicar as categorias masculino/feminino e animado/inanimado.

Os pronomes *he*, *him* e *his*, por exemplo, costumam referir-se à pessoa do sexo masculino, enquanto os pronomes *she* e *her*, à pessoa do sexo feminino. O pronome *it*, por outro lado, é considerado como um pronome neutro e pode referir-se a coisas inanimadas ou animadas. Em adjetivos, artigos e substantivos, geralmente não há marcação de gênero, com exceção de palavras terminadas com sufixo *-ess* que marca apenas o feminino para opor ao masculino, como por exemplo, *actress/actor*.

No português, diferentemente do inglês, não há distinção com relação à animacidade dos referentes. Na língua portuguesa “só se considera neutro o artigo **o** quando é usado como pronome demonstrativo equivalente a **isto** ou **isso**, ou **aquilo** e os reflexivos **se** e **si**” (TOLEDO *et al*, 2014, p.53). Ou seja, não há substantivos neutros, mas apenas distinção entre dois gêneros possíveis: feminino e masculino. Desse modo, Câmara Jr. (1989) escreve que “gênero abrange todos os nomes substantivos portugueses, quer se refiram a seres animais, providos de sexo, quer designem apenas coisas, como *casa*, *ponte*, *andaiá*, femininos, ou *palácio*, *pente*, *sofá*, masculinos” (CÂMARA JR., 1989, p. 88).

Todavia, a flexão de gênero no português “é exposta de uma maneira incoerente e confusa nas gramáticas tradicionais do português” (CÂMARA JR., 1989, p. 88), pois tem-se o costume de associar o gênero gramatical ao sexo biológico sem levar em consideração aspectos socioculturais que envolvem a questão de gênero. Sobre isso, Pimenta & Figueiredo (2019) explicam que não se deve analisar a questão de gênero somente pelo viés linguístico, pois as concepções sobre gênero estão relacionadas a outras áreas do conhecimento, como as de ciências sociais, as quais o consideram como construção social do sexo.

De acordo com Flotow (1997), o ser mulher é resultado das influências dominantes na cultura e na sociedade em que está inserida. Este processo de construção social “infunde nas meninas e mulheres os atributos físicos, psicológicos e socioculturais típicos de uma

determinada época e cultura e que, via de regra, diferem substancialmente dos atributos dos homens da mesma época” (FLOTOW, 1997, p.5, tradução minha). Ao seguir esta perspectiva, teóricos sociais, em especial, feministas, começaram a contestar a noção de gênero como categoria linguística relacionada ao sexo biológico, uma vez que ambos os sexos resultam de uma construção sociocultural.

Flotow (1997) ainda comenta como as manifestações feministas, durante os anos 60 e 70, contribuíram com as discussões acerca do tema gênero. Reconhecido como uma categoria analítica “que deve ser examinada, compreendida e analisada em suas diversas formas e funções” (FLOTOW, 1997, p. 8, tradução minha), o gênero serviu, por meio da linguagem convencional, para “prescrever as opções e a condição das mulheres, e para restringir e moldar as mulheres para funções a serviço da 'humanidade’” (THORNE *et al*, 1983, apud FLOTOW, 1997, p. 11, tradução minha). E, como instrumento de opressão, essa linguagem convencional precisava ser reformada substituída por uma linguagem feminina (FLOTOW, 1997, p. 14, tradução minha).

A partir do avanço dos estudos feministas,

Começou a se questionar como e em que medida o gênero era moldado pela língua; como o conceito muda de geração para geração, entre classe social, étnica, religiosa; e, especialmente, pelo fato de que o conceito de gênero não poderia ser restrito à dualidade homem/mulher, pois deveriam ser levadas em consideração as dissidências de gênero (PETTERSSON, 2011, apud PIMENTA; FIGUEIREDO, 2019, p. 46).

Essa concepção permitiu questionar papéis sociais “cristalizados e caracterizados a partir das diferenças anatômicas dentro da dicotomia homem/mulher” (PIMENTA; FIGUEIREDO, 2019, p. 46).

Na tradução de *Our Bodies, ourselves*, o uso da linguagem inclusiva e feminista surgiu de um processo de conscientização sobre o funcionamento da língua portuguesa. Esse processo acabou por gerar reflexões acerca da importância da tradução na sociedade, pois, afinal, segundo Castro (2013), a linguagem e a tradução desempenham um papel na construção do mundo social. A esse respeito, Castro (2013) acrescenta que a “língua é um ato político de mediação e comunicação que perpetua ou desafia as estruturas de poder existentes em contextos sociais e culturais mais amplos - e o mesmo pode ser dito da tradução” (CASTRO, 2013, p.5, tradução minha). Consciente disso, toda a equipe de tradutores tomou decisões pensando no público alvo: a mulher brasileira. A equipe procurou dar voz ao feminino e aproximar o conteúdo à realidade individual dessa mulher, de modo a respeitar suas particularidades. Durante todo o processo de tradução, foi preciso pensar sobre

qual linguagem criar, quais termos usar e como manter a figura do feminino presente constantemente na obra (LIMA; PIMENTEL, 2020, p.7-8), pois as tradutoras, diferentemente da perspectiva tradicional, buscaram uma tradução contestadora, em que precisa levar em consideração quem produziu o texto, a forma e o conteúdo da produção e qual será o público-alvo dessa tradução (PIMENTA; FIGUEIREDO, 2019, p. 41).

Ao levar em consideração as diferenças culturais e políticas, a equipe pensou na adaptação como uma oportunidade de influenciar positivamente a sociedade brasileira. Por isso houve uma preocupação com a acessibilidade e o empoderamento político do texto traduzido. Esta mesma preocupação está presente nas traduções e adaptações do OBOS nos países que fizeram parte da antiga União Soviética: Sérvia (2001), Bulgária (2001), Romênia (2002), Polônia (2004) e Rússia (2007). As ONGs que traduziram o livro, nesses países, viram na tradução a oportunidade de se opor às restrições políticas que pioraram após a queda da URSS e durante a transição política e econômica subsequente. Barboza (2018) comenta que elas não priorizaram a “fidelidade” ao texto original, mas se preocuparam em garantir que a mensagem fosse efetivamente transmitida.

Na Sérvia, o OBOS é a primeira fonte de informação disponível na língua sérvia que trata da mulher, do seu corpo e da sua saúde. As tradutoras tiveram como objetivo fazer com que as diferentes experiências femininas ‘falem’, de modo a torná-las acessíveis para o maior número possível de mulheres e a capacitá-las para se comprometerem totalmente com o cuidado de seus corpos e de suas vidas.

A versão búlgara, com informações fornecidas por profissionais do país, onze capítulos foram adaptados de acordo com a realidade búlgara. As autoras tiveram a preocupação de fornecer uma visão histórica sobre gênero, saúde e sexualidade na Bulgária nos séculos XIX e XX. Segundo Todorova & Kotzeva (2001), autoras do prefácio dessa versão, o livro ensina a amar, a valorizar e a não ter vergonha do nosso corpo. No nível linguístico, explicam que a tradução foi um desafio, pois o búlgaro tem marcações de gênero rígidas e difundidas envolvendo o uso frequente de formas masculinas e femininas - um uso que colabora com o sexismo e a maioria dos falantes búlgaros não tem consciência quanto a esses usos, como por exemplo, a forma masculina genérica. Davis (2007) escreve que

as feministas búlgaras e norte-americanas se engajaram em estratégias linguísticas, como usar o gênero feminino como universal, eliminar linguagem que reproduza clichês e estereótipos de gênero ou colocar aspas em ‘frases sexistas questionáveis para mostrar a desaprovação da tradutora’. [...] Traduzir OBOS para o búlgaro ofereceu a oportunidade de se envolver em um processo criativo de inventar uma nova linguagem sobre gênero (DAVIS, 2007, p. 188, tradução minha).

Ainda, as tradutoras precisaram recorrer ao neologismo, isto é, criar um termo que combinasse o sexo biológico e o gênero social, pois, assim como o português, o búlgaro tende a associar o gênero gramatical ao sexo biológico. Elas também tiveram que resolver a difícil tarefa de traduzir o termo “feminismo”, pois havia uma visão distorcida sobre o movimento. Era necessário mais que encontrar um termo apropriado tentar explicar seu real significado. No entanto, elas preferiram excluir o termo de todo o texto. Para a adaptação, “tentaram encontrar maneiras de evitar associações problemáticas com o feminismo ocidental, bem como as ligações entre a retórica feminista e comunista” (DAVIS, 2007, p. 189) devido ao contexto histórico do país. Desse modo, buscou-se enfatizar a conotação de individualidade e diversidade, por isso a escolha do título do livro *Nasheto Tyalo, Nie Samite* que significa literalmente *Our body, Ourselves*, isto é, “nosso corpo”, no singular.

A versão romena, assim como as duas versões acima citadas, em seu prefácio há uma explicação a respeito de omissões de alguns parágrafos que descreviam problemas, doenças, soluções propostas e realidades que julgaram ser diferentes da sociedade norte-americana. Tal julgamento também fez com que o livro mantivesse apenas as fotos de mulheres brancas com a justificativa de que seriam mais “parecidas” com as mulheres romenas. Embora marcada por decisões controversas, a importância da obra na Romênia se dá pela falta de informação, especialmente para as mulheres que vivem em áreas rurais do país. Muitas ainda não têm consciência de seus direitos, e os recursos para aprender são escassos.

Na Polônia, de acordo com o prefácio, escrito por Tarasiewicz (2004), embora ainda não tenha algum movimento social conhecido que lute ativamente para melhorar o sistema de saúde, há grupos feministas que buscam também inspirar mudanças na sociedade polonesa. Esses grupos têm *Our Bodies, Ourselves* como apoio, tendo em vista que ele é mais que um manual médico para as mulheres polonesas; é o livro que incentiva atitudes mais ativas diante das proibições morais e legais e da necessidade de maiores cuidados com a saúde das mulheres.

Na Rússia, a edição de 2007, com seu conteúdo considerado inovador para uma sociedade conservadora e fechada a certas discussões, critica o sexismo e a homofobia com o intuito de proteger o direito de cada pessoa de escolher sua orientação sexual e identidade de gênero. Ademais, no prefácio dessa edição, Simbirtseva (2007) salienta que a palavra “gênero” é compreendida na sociedade russa de modo distinto, a qual está relacionada às “especificidades sociais dos papéis sexuais” (SIMBIRTSEVA, 2007, p.9, tradução minha).

Com o intuito de “desafiar o status quo político” (BAKER, 2018, p. 340), muitos tradutores têm se afastado da tradição de se posicionar de forma neutra, pois pareciam ser

profissionais “não comprometidos que se colocam em um espaço ‘intermediário’ entre culturas e divisões políticas” (BAKER, 2018, p. 340). Cada vez mais, tradutores e tradutoras nacionais têm aderido a este princípio e negado a possibilidade de criar uma linguagem e um texto neutros em suas traduções. Os tradutores têm como desafio não reproduzir estereótipos associados ao gênero feminino e não reforçar problemas sociais e ideológicos dos quais a língua pode ser a ferramenta.

Na tradução do OBOS para o português, as decisões tradutórias tomadas até o momento são o não uso de “x”, “@”, “/” e “()”, mas uso de palavras mais “neutras”, como por exemplo, “profissionais de saúde”, o uso da palavra “pessoa”, bem como uso de palavras que designem o gênero feminino em substituição a vocábulos de flexão masculina – masculino genérico - para se referir à mulher e ao homem. Já, em casos de palavras em que a especificação do gênero é irrelevante, optou-se pelo não uso de artigos. Decidiu-se também pelo uso de parênteses e notas de rodapé, não como um procedimento técnico tradicionalmente usado, mas como uma intervenção da tradutora para pontuar traços relevantes do texto que dialoga com a visão feminista. Estas decisões foram estratégias de tradução para tentar alcançar uma linguagem menos sexista e inclusiva e têm como objetivo dar visibilidade discursivamente a mulheres, optar por uma linguagem não discriminatória e propor uma reflexão acerca do sexismo que constitui a língua portuguesa.

Davis (2007) escreve que as tradutoras do OBOS de diversos países, em seus contextos, buscaram desenvolver uma linguagem que as mulheres pudessem falar sobre suas experiências; desenvolver formas novas e empoderadas para falar sobre si próprias. A tradução, de fato,

refere-se a um processo de transferência interlinguística. As tradutoras comunicam, reescrevem, manipulam um texto para disponibilizá-lo a um público estrangeiro. Assim, elas podem usar a linguagem como intervenção cultural, como parte de um esforço para alterar as expressões de dominação, seja no nível conceitual, sintático ou terminológico (SIMON, 1996, p. 8, tradução minha).

Porém, no passado,

Mulheres foram deliberadamente excluídas ou desencorajadas de uma educação de prestígio e, portanto, de participação na esfera pública; elas então se voltaram para a tradução como uma 'humilde' escolha. E uma vez que a tradução era tradicionalmente codificada como uma atividade secundária, reprodutiva e mesmo 'traidora', associada aos estereótipos misóginos de mulheres, sua obra como intérpretes silenciosas, passivas, transparentes que não ameaçam o *establishment* masculino, foi por vezes tolerada. A visão histórica a respeito das mulheres e o controle político imposto a elas encontram, portanto, um paralelo bom na posição igualmente 'degradada' da tradução. Não é de se surpreender que o feminismo tenha algo a acrescentar aos estudos de tradução (FLOTOW, 1997, p. 76, tradução minha).

Como um ato político (BAKER, 2018) e um ato de solidariedade (FLOTOW, 1997), vê-se que, ao longo de décadas, a tradução e a linguagem são instrumentos de mudança, bem como de compreensão para a questão de gênero através de diferentes culturas, além de dar vozes, no caso do OBOS, a cada mulher.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após sua primeira publicação em 1970, o OBOS já era um dos livros mais vendidos nos Estados Unidos em 1976, e, no mesmo ano, foi reconhecido por *the American Library Association's Young Adult Service Division* como o melhor livro da década. Ainda hoje a obra possui grande relevância, principalmente numa época em que se têm muitas informações sem comprometimento com a veracidade. De popularidade única na história do feminismo, o OBOS oferece narrativas de experiências e informações trazidas por suas próprias leitoras que contribuíram para que o livro pudesse ser reelaborado e adaptado em diversos contextos ao longo dos anos. Porém, em 2018, foi anunciado que *Our Bodies, Ourselves* não seria mais atualizado devido a questões financeiras e seria dirigido por organização sem fins lucrativos. Muitas leitoras, ao saber disso, procuraram o coletivo para compartilhar sobre como o livro mudou suas vidas.

De fato, é inquestionável o impacto que o OBOS exerce no mundo. O livro é uma obra que desafia os dogmas patriarcais médicos sobre os corpos das mulheres e, conseqüentemente, é um instrumento de empoderamento pessoal e coletivo. A partir da leitura, as mulheres tornam-se catalisadoras para mudanças sociais. No Brasil, espera-se que *Nossos Corpos, por nós mesmas*, através de uma linguagem inclusiva e feminista, conecte-se com a mulher brasileira, para impulsionar uma transformação social que está relacionada à sua saúde e a seus direitos. Torna-se importante, desse modo, ampliar conhecimento e estimular pensamento crítico e conscientização para que mudanças positivas possam ocorrer. Com esse intuito, esta monografia apresentou a história do livro e do grupo de mulheres que, em Boston, o criou; o projeto de tradução e adaptação da obra no Brasil e as teorias feministas que sempre nortearam as reflexões das equipes da Unicamp e UFRJ.

Movimentos sociais tais como os movimentos feministas começaram a dar uma maior visibilidade sobre o sexismo na linguagem na década de 1960. De acordo com Pimenta & Figueiredo (2019), foram estes movimentos sociais que “provocaram mudanças profundas na sociedade no que tange à forma como entendemos a sexualidade, o gênero, os sujeitos e seus corpos.” (PIMENTA; FIGUEIREDO, 2019, p. 3). Além disso, o avanço dos estudos feministas permitiu questionar estereótipos associados ao gênero feminino. Graças às suas críticas, foi possível compreender que não se pode limitar o conceito de gênero à noção de sexo biológico.

Porém, há muito que caminhar. Castro (2019) afirma que ainda é necessário diálogo entre profissionais e estudantes de tradução para que se cumpra o objetivo de aumentar a

conscientização acerca da “posição dos tradutores na sociedade que, invariavelmente, tem consequências políticas e ideológicas” (CASTRO, 2013, p.53, tradução minha).

Por fim, espera-se que o livro promova reflexão e inspire mudanças culturais e sociais a favor da mulher, pois o OBOS tem como objetivo criar conhecimento crítico e fornecer recursos para que possam empoderar as mulheres individualmente e coletivamente.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKER, M. A tradução como um espaço alternativo para ação política. Tradução de Cristiane Roscoe-Bessa, Flávia Lamberti & Janaína Araujo Rodrigues. *Cadernos de Tradução*, v.38, n.2, p. 339-380, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2018v38n2p339>
- BARBOZA, B. R. G. Flotow, Luise von (Org.). *Translating Women*. Ottawa: University of Ottawa Press, 2011, & Farzaneh Farahzad; Luise von Flotow (Org.). *Translating Women: Different Voices and New Horizons*. Routledge: New York, 2017. *Revista da Anpoll*, v.1, n.44, p. 415-435, 2018. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1151/963>>. Acesso em: 15 de outubro 2020.
- BWHBC [The Boston Women's Health Book Collective]. *Our Bodies, Ourselves*. 9.ed. New York: Simon and Schuster, 2011.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 1989.
- CASTRO, O. Introduction: Gender, Language and Translation at the crossroads of disciplines. *Gender and Language*, v. 7, n. 1, p. 5-12, 2013. Disponível em: <<https://journals.equinoxpub.com/GL/article/view/16185/pdf>>. Acesso em: 16 de outubro de 2020.
- CASTRO, O. Talking at cross-purposes? The missing link between Feminist Linguistics and Translation Studies. *Gender and Language*, v. 7, n. 1, p. 35-58, 2013. Disponível em: <<https://journals.equinoxpub.com/GL/article/view/15845/pdf>>. Acesso em: 18 de outubro de 2020.
- CHATTERJEE, A. (ed.). *Our Bodies, Ourselves Transformed Worldwide: A collection of prefaces from culturally adapted translations of Our Bodies, Ourselves*. Our Bodies, Ourselves, 2015. Disponível em: <<https://www.ourbodiesourselves.org/cms/assets/uploads/2015/07/prefacebooklet.pdf>>. Acesso em: 16 de novembro de 2020.
- DAVIS, K. *The making of Our Bodies, Ourselves: How feminism travels across borders*. Durham and London: Duke University Press, 2007.
- FLOTOW, L. V. *Translation and Gender: Translating in the 'Era of Feminism'*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.
- LIMA, E.; PIMENTEL, J. (Org.). *Our Bodies, Ourselves Transformado Mundialmente: Uma Coleção de prefácios com traduções culturalmente adaptadas de Our Bodies, Ourselves*.

- IEL – Instituto de Estudos da Linguagem, 2020, p. 5-6. Disponível em: <<https://www.iel.unicamp.br/sites/default/files/iel/publicacoes/OBOS.pdf> >. Acesso em 06 de janeiro de 2021.
- OBOS: Our Story. 2020. Disponível em: <<https://www.ourbodiesourselves.org/our-story/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2020.
- OBOS: Global Projects. 2020. Disponível em: <<https://www.ourbodiesourselves.org/global-projects/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2020.
- OUR BODIES OURSELVES: 42 years of women’s health education and advocacy. Boston University, 2013. Disponível em: <<http://www.bu.edu/wgs/files/2013/10/Ditzion-OBOS-Timeline.pdf>>. Acesso em: 10 de outubro de 2020.
- PIMENTA, T. J.; FIGUEIREDO, M. F. Masculino, feminino ou neutro? A prática tradutória e as questões de gênero. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, v.18, n.1, p. 37-55, 2019.
- SHAPIRO, E. Our Bodies, Our Lives. In: LIMA, E.; PIMENTEL, J. (Org.). *Our Bodies, Ourselves Transformado Mundialmente: Uma Coleção de prefácios com traduções culturalmente adaptadas de Our Bodies, Ourselves*. IEL – Instituto de Estudos da Linguagem, 2020, p. 73-81. Disponível em: <<https://www.iel.unicamp.br/sites/default/files/iel/publicacoes/OBOS.pdf> >. Acesso em 06 de janeiro de 2021.
- SIMBIRTSEVA, L. Ourselves and Our Bodies. In: CHATTERJEE, A. (ed.). *Our Bodies, Ourselves Transformed Worldwide: A collection of prefaces from culturally adapted translations of Our Bodies, Ourselves*. Our Bodies, Ourselves, 2007, p. 8-11. Disponível em: <<https://www.ourbodiesourselves.org/cms/assets/uploads/2015/07/prefacebooklet.pdf>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2020
- SIMON, S. *Gender in Translation: Cultural Identity and the Politics of Transmission*. New York: Routledge, 1996.
- STEPHENSON, H. Our Bodies, Ourselves. In: CHATTERJEE, A. (ed.). *Our Bodies, Ourselves Transformed Worldwide: A collection of prefaces from culturally adapted translations of Our Bodies, Ourselves*. Our Bodies, Ourselves, 2015, p. 3-5. Disponível em: <<https://www.ourbodiesourselves.org/cms/assets/uploads/2015/07/prefacebooklet.pdf>>. Acesso em: 02 de dezembro de 2020.

- TARASIEWICZ, M. Our Bodies, Our Lives. Translated by Adam Jagusiak. In: CHATTERJEE, A. (ed.). *Our Bodies, Ourselves Transformed Worldwide: A collection of prefaces from culturally adapted translations of Our Bodies, Ourselves*. Our Bodies, Ourselves, 2004, p. 19-21. Disponível em: <<https://www.ourbodiesourselves.org/cms/assets/uploads/2015/07/prefacebooklet.pdf>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2020.
- TODOROVA, I.; KOTZEVA, T. Our Body, Ourselves. Translated by Leda Avramova. In: CHATTERJEE, A. (ed.). *Our Bodies, Ourselves Transformed Worldwide: A collection of prefaces from culturally adapted translations of Our Bodies, Ourselves*. Our Bodies, Ourselves, 2015, p. 30-34. Disponível em: <<https://www.ourbodiesourselves.org/cms/assets/uploads/2015/07/prefacebooklet.pdf>>. Acesso em: 08 de dezembro de 2020.
- TOLEDO, L. C.; ROCHA, M. R. K.; DERMMAM, M. R.; et al (Org.). *Manual para o uso não sexista da linguagem: O que bem se diz bem se entende*. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2014. Disponível em: <<https://narrativas.org.br/wp-content/uploads/2020/10/Manual-para-uso-n%C3%A3o-sexista-da-linguagem.pdf>>. Acesso em: 27 de dezembro de 2020.